
AS RELAÇÕES ECUMÊNICAS DA IGREJA CATÓLICA COM AS IGREJAS ORTODOXAS – RELATÓRIO DO DIÁLOGO TEOLÓGICO EM BUSCA DA UNIDADE

Elias Wolff¹

História

Após o fracasso das tentativas de união nos Concílios de Lião (1274) e Florença (1439), o diálogo católico-ortodoxo foi retomado de vez com o pontificado de João XXIII e a convocação do Concílio Vaticano II. Não obstante o fato de estas igrejas apresentarem notáveis concordâncias sobre a doutrina e a estrutura eclesial, as relações no passado tem se manifestado conflituosas e muito esporádicas. São conhecidas as dificuldades para as Igrejas ortodoxas calcedonenses enviarem observadores ao Vaticano II. Nem mesmo a decisão do patriarca Atenágoras encontrar-se com o papa Paulo VI em Jerusalém (1964) atenuou essas dificuldades. Ao contrário, alguns grupos organizaram liturgias e vigílias de oração contra o “perigo de heresia”.

Contudo, propunha-se um “diálogo da caridade” iniciado em 1958 e culminando com a designação de uma comissão da Igreja romana e da Igreja de Constantinopla para preparar o cancelamento dos anátemas de 1054. Isso aconteceu em 07/12/1965, com a declaração comum de Paulo VI e Atenágoras I, pronunciada simultaneamente na sessão solene do Concílio e na catedral de Fanar.

As relações iniciaram-se através de visitas que preparavam o terreno para uma reaproximação. Após uma primeira visita de Paulo VI ao patriarca Atenágoras I, esse vai a

¹ Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Roma para uma comovente celebração ecumênica, colocando em evidência o desejo de restabelecer a comunhão e a comum celebração eucarística. Nesse período, as declarações comuns não são muitas, mas o diálogo da caridade continua. O sucessor de Paulo VI, João Paulo II, deu continuidade às relações amigáveis, visitando em Constantinopla o Patriarca Demétrio I, na Igreja de Fanar, em 30/11/1979 – Festa do patrono de Constantinopla, Santo André. Do melhoramento das relações e crescimento da consciência do que as Igrejas já tem em comum, surge uma *comissão ortodoxa-católica* para o diálogo teológico. Os trabalhos iniciaram em Patmos e Rodes, em 1980, concluindo em 1982 com a publicação do documento *O mistério da Igreja à luz da eucaristia e da Ssma. Trindade*.

Entre os anos 1972 a 1977, vários encontros de teólogos publicaram uma reflexão sobre os ministérios. Mas foi apenas em 1982 que se publicou o primeiro documento conjunto, *O mistério da Igreja à luz da eucaristia e da Santíssima Trindade*. Depois, publicou-se documentos sobre: fé, sacramentos e unidade da Igreja (1987); o sacramento da Ordem e a estrutura sacramental da Igreja (1988); o uniatismo, método da união do passado e a atual busca da unidade (1993). Em 2007 publicou-se um estudo comum sobre *Conseqüências eclesiológicas e canônicas da natureza sacramental da Igreja*.

Síntese dos documentos produzidos no diálogo

1) “*Reflexões sobre os ministérios*” (1972-1977) – busca-se superar uma concepção dos ministérios unilateralmente cristológica ou pneumatológica, centrando a atenção sobretudo sobre o ministério episcopal. O ministério eclesial é carismático, de serviço, escatológico, sacramental, apostólico.

2) “*O mistério da Igreja e da Eucaristia à luz do mistério da Trindade Santa*” (1982), aborda a doutrina comum das duas Igrejas sobre a natureza da Eucaristia como expressão da atividade da Trindade Santa na economia da salvação, a relação entre a eucaristia e a Igreja e o caráter central da eucaristia para compreender a comunhão na Igreja local, e a comunhão entre as Igrejas locais na Igreja universal.

3) *Fé, sacramentos e unidade da Igreja (1987)* - afirma que a unidade na fé é pressuposto para a unidade nos sacramentos e especialmente na eucaristia. Não se trata apenas de uma fé pessoal, mas de um evento eclesial, pelo que a unidade na fé da comunidade no seu conjunto é uma condição preliminar para a comunhão sacramental. O

problema de saber se os sacramentos da iniciação cristã constituem uma só realidade sacramental ou três atos sacramentais autônomos e se as diferenças entre as duas tradições na prática litúrgica relativa a tais sacramentos significa ou não uma divergência doutrinal.

4) *O sacramento da ordem na estrutura sacramental da Igreja (1988)* – trata da questão sobre o lugar e o papel do ministério ordenado na estrutura sacramental da Igreja. Há um consenso de que nas duas tradições a sucessão apostólica é fundamental para a santificação e unidade do povo de Deus. Entende-se que o ministério atualiza na Igreja o ministério do próprio Cristo, e “não produz frutos se não por graça do Espírito”.

5) *O uniatismo, método de união do passado e a busca atual de unidade* (documento de Balamand, 1993) – a pedido da Igreja ortodoxa, interrompeu-se a continuidade do diálogo teológico com a Igreja católica para que se tratasse da questão do “uniatismo”. Reunida em Freising (junho, 1990) a Comissão rejeitou o uniatismo como método de busca da unidade “porque em contradição com a tradição comum das nossas igrejas”. É reconhecido às Igrejas orientais católicas o direito de existirem e de agirem para responderem às necessidades espirituais de seus membros. Em Aricia (1991) elaborou-se um documento que foi completado em Balamand (1993), indicando o método da busca da unidade e a rejeição do uniatismo, dando as razões eclesiológicas e as regras práticas para tanto.

6) *Declaração comum do Papa João Paulo II e o Patriarca ecumênico Bartholomaios I (1995)* – reconhecimento do valor do diálogo católico-ortodoxo, fundamentado em bases teológicas comuns, como um comum compreensão dos sacramentos, da sucessão apostólica e da missão. Exorta-se para que cristãos católicos e ortodoxos busquem maior aproximação na convivência cotidiana. E que esse esforço favoreça para a cooperação ecumênica no campo cultural, espiritual, pastoral, educativo e social.

7) *As tradições grega e latina sobre a processão do Espírito Santo (1995)* – trata sobre as disputas teológicas em torno ao Filioque. A Igreja católica “reconhece o valor conciliar e ecumênico, normativo e irrevocável, como expressão da antiga fé comum da Igreja e de todos os cristãos, do símbolo professado em grego no Concílio Ecumênico de Constantinopla, em 381). Esse símbolo confessa sobre a base de Jo 15,26 ... somente o Pai é princípio sem princípio das duas outras pessoas trinitárias, única fonte do Filho e do Espírito santo. O Espírito santo tem sua origem somente do Pai de modo principal, próprio e imediato” (n. 2453).

8) *As conseqüências eclesiológicas e canônicas da natureza sacramental da Igreja :* Comunhão eclesial, conciliaridade e autoridade (2007) - o diálogo produzido possibilitou um consenso sobre as conseqüências eclesiológicas e canônicas da Igreja entendida em sua natureza sacramental. Sendo que a Eucaristia constitui o critério da vida eclesial, é preciso refletir sobre como as estruturas institucionais refletem visivelmente o mistério da comunhão. Como a Igreja una e santa é realizada em cada Igreja que celebra a Eucaristia, em comunhão com todas as Igrejas, como a vida das Igrejas manifesta tal estrutura sacramental? O documento reflete sobre unidade e multiplicidade, a relação entre a Igreja uma e as muitas Igrejas locais, a relação entre a autoridade e a conciliaridade.

A atual fase do diálogo católico ortodoxo tem como tema de estudo “o papel do bispo de Roma na comunhão da Igreja do primeiro milênio”.

O diálogo da Igreja Católica com as Igrejas Ortodoxas Orientais

Menores foram as dificuldades para o diálogo da Igreja católica com as Igrejas ortodoxas orientais. Já na primeira sessão do Concílio Vaticano II, 4 delas enviaram representantes observadores. Durante a visita a Jerusalém, o papa Paulo VI (1964) encontrou-se com o patriarca daquela cidade; em 1967, encontrou-se também com o patriarca armênio de Constantinopla. O patriarca armênio de Sis, na Cilícia, Koren I, foi o primeiro patriarca das Igrejas orientais a visitar o papa Paulo VI em Roma.

Esses encontros não publicaram declarações comuns, mas possibilitaram o intercâmbio de palavras que ressaltam uma comunhão espiritual. Em 1970, surge a primeira declaração comum. Outras declarações surgem em 27/10/1971, durante a visita a Roma do patriarca siro-ortodoxo de Antioquia e todo o Oriente, mar Ignazio Taqub III, e na ocasião da visita do papa copto-ortodoxo de Alexandria e patriarca das terras evangelizadas por São Marcos, amba Shenuda III.

Em junho de 1984, João Paulo II e o Patriarca da Igreja Siro-Jacobita Zakka Iwwas I concordaram uma declaração comum que prevê, entre outros, a admissão à comunhão dos fiéis de outra igreja em caso de necessidade pastoral.

Até 84 não havia uma comissão teológica católica-igrejas orientais, apenas no Egito existia uma comissão de diálogo local. A partir de então, o diálogo se intensificou,

produzindo significativos consensos teológicos e pastorais, muitos dos quais redundaram em acordos entre as Igrejas. Destacamos aqui:

Relação da I sessão plenária – 26-30/03/1974

I - Uma declaração cristológica – não obstante o fato que o mistério da encarnação supera a nossa possibilidade de compreensão e de expressão, as duas igrejas reconhecem professarem a mesma fé no mistério da encarnação do Verbo e da economia da salvação, para além da diversidade das formulações. II Ulteriores estudos teológicos, sobretudo dos concílios antigos, os sacramentos e o reconhecimento dos santos; III – Ações de cooperação social; criar no Egito uma comissão mista local

Relação da II Sessão Plenária – 27-31/10/1975

A unidade que se busca (plena comunhão de fé, de vida sacramental e de relações harmoniosas); Diversas concepções do problema (divergências eclesiológicas; acentuação do papel da igreja local, reconhecimento do concílio ecumênico como instância suprema na igreja universal, para ortodoxos orientais; ministério universal de unidade do bispo de Roma, para os católicos; Pontos em comum (restabelecer a comunhão retornando ao patrimônio comum dos primeiros 4 séculos); Programa de trabalho futuro.

- *Católicos-coptas*: Relatório comum (1976); Relatório comum sobre cristologia (1976); Princípios e protocolo (1979); Fórmula breve sobre a cristologia (1988);

- *Católico-sírio ortodoxo*: Declaração cristológica comum (1984);

- *Católico – ortodoxo sírio – malankaresi*: Acordo cristológico (1990); Matrimônio e eucaristia comum (1990); Acordo sobre matrimônio inter-eclesial (1994).

Declarações comuns sobre a continuidade do diálogo ecumênico e a colaboração mútua entre as Igrejas foram assinadas pelo papa João Paulo II e o patriarca armênio Carekin I (1996) e Karekin II (2000 e 2001); com o catholicos armeno da Grande Casa de Cilícia, Aram I Keshishian (1997); com a Igreja Siro – Malankarese (1999).

